

Os refêns da Saúde

público

■ Pacientes crônicos tornam-se vítimas de um sistema perverso, que privatiza dinheiro público e não dá alternativas de tratamento.

ISRAEL TABAK

A perversa privatização dos recursos destinados à Saúde acabou transformando alguns tipos de pacientes em reféns dos grupos de empresários que se encastelaram nos setores mais lucrativos, todos financiados exclusivamente com dinheiro público. Os crônicos — doentes psiquiátricos e FPT (Fora Possibilidade Terapêutica) — não são os únicos reféns: estão também nesse grupo, entre outros, os renais crônicos (que fazem hemodiálise) e os hemofílicos. E até mesmo cidades inteiras, no interior, ficam dependentes de clínicas e hospitais completamente desqualificados.

Com o boicote sistemático a todos os programas de assistência familiar, os doentes crônicos têm como única opção as clínicas *padrão* Santa Genoveva. As próprias famílias — em sua maioria muito pobres e sem alternativa — também se transformam em reféns. Os renais crônicos têm as suas vidas nas mãos do bem organizado e rendoso cartel das clínicas de hemodiálise. Em muitas delas, as irregularidades e desprezo pela real necessidade dos pacientes podem chegar a extremos como ficou evidenciado na tragédia de Caruaru, em Pernambuco.

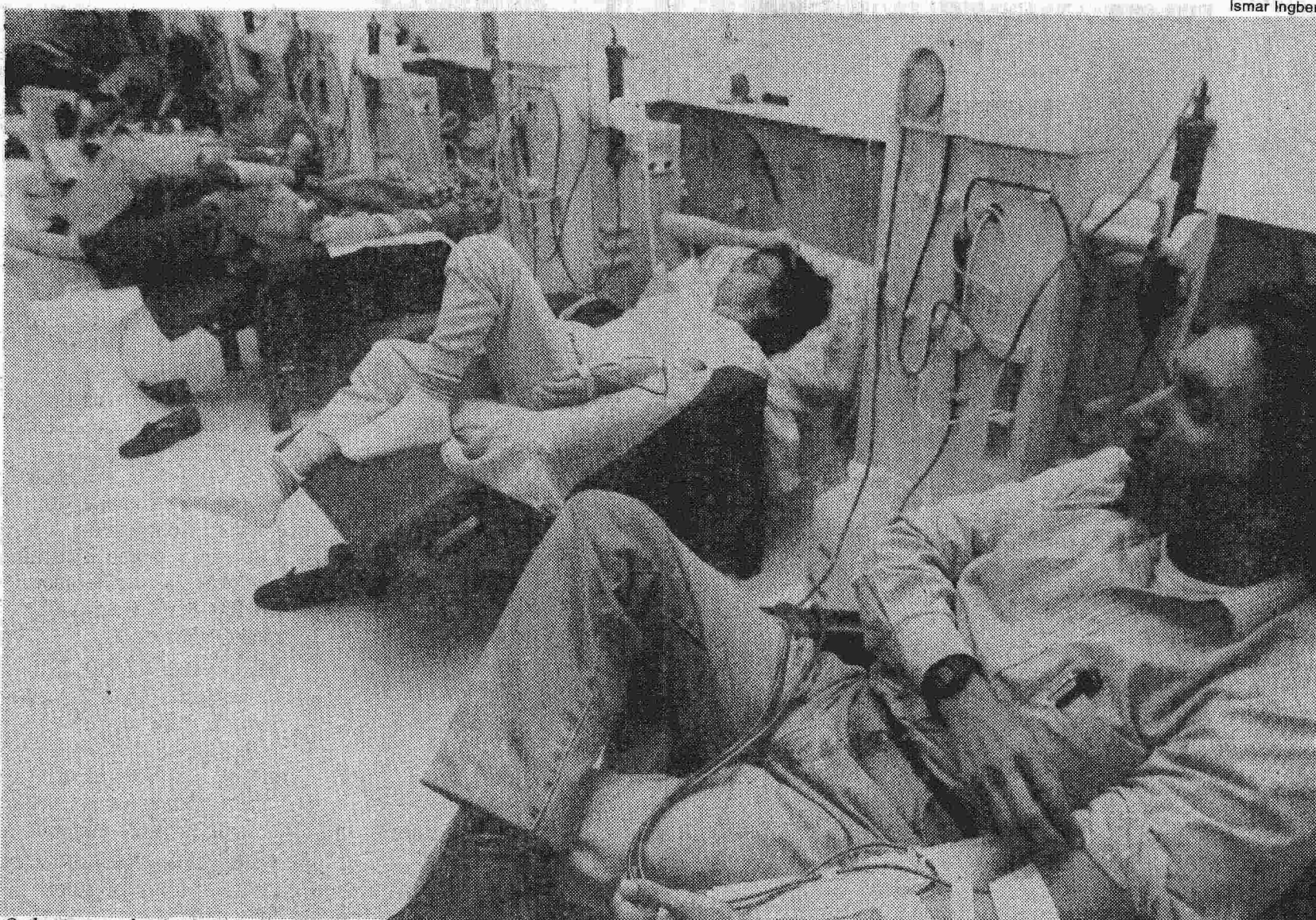
Assim como o renal crônico não vive sem a máquina da hemodiálise, o hemofílico também depende do fator de coagulação para sobreviver. É um filão igualmente cartelizado, no Sistema Único de Saúde (SUS), e altamente perigoso para o doente, que — como acontece na hemodiálise — se aventurar a denunciar alguma irregularidade.

Padrões — Isso explica, por exemplo, o apoio que a associação que representa os hemofílicos manifestou a uma clínica especializada interditada pelo Ministério da Saúde, enquanto o restante da sociedade horrorizava-se com a desvergonha dos seus péssimos padrões sanitários e o gigantesco superfaturamento, o maior já praticado por uma unidade integrante do SUS.

Os números são contundentes sobre o poder e o dinheiro que o Ministério da Saúde, através do SUS, canaliza para esses três setores. No Estado do Rio, os doentes crônicos representam apenas 10,83% das internações, mas quem vive desse rendoso comércio recebe 34,84% de tudo o que é gasto no setor. Da mesma forma, cerca de 25% de todo o dinheiro que o Ministério da Saúde manda para os ambulatórios no Estado do Rio vai para a conta das clínicas de hemodiálise. E a clínica Santa Catarina, que atende a hemofílicos, chegou a receber sozinho, nos últimos anos, 10% de tudo o que o Ministério gastou em ambulatórios no município do Rio.

O Secretário de Assistência à Saúde do ministério, Eduardo Levkowitz, reconhece que os empresários que mantêm clínicas de hemodiálise exclusivamente com dinheiro do SUS não podem queixar-se das tabelas, que "estão bem próximas daquelas aplicadas no primeiro mundo". Garante que está atento aos problemas e irregularidades existentes na área de hemodiálise e promete que dentro em breve haverá um controle individualizado dos tratamentos, pois é comum o doente ser posto na máquina sem que haja indicação técnica. A tragédia de Caruaru fez o ministério acelerar as providências, que, segundo o ministro Adib Jatene, já vinham sendo tomadas antes do episódio.

Cartelizada — Mas os depoimentos, tanto de pacientes como de médicos especialistas que já trabalharam no setor de hemodiálise, mostram que, além dos lucros negáveis, a própria estrutura cartelizada do setor deixa o doente num beco sem saída: normalmente o renal crônico tem pavor de desagradar a qualquer elemento da clínica que tenha algo a ver com o seu tratamento. Ele sabe



O doente renal crônico enfrenta filtros inadequados, mas nem sempre reclama porque pode ser considerado 'paciente rebelde' e perder o tratamento

que se for considerado *indisciplinado*, ou *rebelde*, por causa de alguma reclamação, vai ter dificuldades de vaga em outra clínica conveniada. E a sua vida está em jogo.

Uma das irregularidades mais frequentes nos centros de hemodiálise é o uso inadequado de filtros, já desgastados, não substituídos na hora certa. Filtro velho aumenta o lucro de muitas clínicas. E o doente acaba descobrindo que o filtro já não presta porque o tratamento não faz o mesmo efeito. É quando ele já não se sente tão bem como antes, após uma sessão. Mas reclamar é perigoso. Um filtro ruim ainda significa vida. Filtro nenhum é a morte.

Hoje, no entanto, já existe uma boa quantidade de clínicas pagas pelo SUS que podem ser considerados centros de excelência e que aceitam diminuir a margem de lucro em favor do doente. Mas ainda não são a maioria.

No Rio, ao mesmo tempo em que os centros públicos de hemodiálise eram destruídos, as clínicas privadas começaram a pipocar. Algumas, verdadeiras pocilgas, só obtinham credenciamento em razão dos políticos que protegem o setor. Como houve aumento de oferta, alguns nefrologistas desonestos começaram a *evoluir* os seus conceitos sobre a indicação do tratamento. Assim, descobriram que a *precocidade* no uso da terapia, seria *benéfica* para os pacientes. A indicação da diálise passou a ser feita cada vez mais cedo, aumentando muito a utilização da máquina e os lucros, embora contrariando os padrões internacionais.

Anemia — O pior é que o uso precoce, ao invés de melhorar, agrava a situação dos pacientes: a passagem do sangue pelos filtros e bombas destrói os glóbulos vermelhos e acelera o processo de anemia. O rim, já claudicante, tendo uma máquina para fazer o seu papel, acaba se habituando a trabalhar menos, acelerando a insuficiência renal, e aí sim, aproximando o mais rapidamente o doente do ponto em que deverá iniciar a diálise.

A comparação do coeficiente de renais crônicos em relação a população é estranhamente superior a de outros países, graças a liberdade de ação dessas clínicas, e à falta de fiscalização, situação que o Ministro Adib Jatene promete reverter, após as auditorias. Com essa *precocidade*, já existem mais pacientes do que máquinas disponíveis. Por isso, sobretudo em véspera de eleição, os empresários do setor costumam pedir apoio de políticos para conseguir credenciar novas clínicas, um excelente filão, já que é 100% financiado com o dinheiro do SUS. Para o político que quer se reeleger, obter um credenciamento é também ótimo negócio pois vai possibilitar uma segura fonte de financiamento para a campanha, cuja origem também é o lucro obtido com os recursos repassados pelo Ministério da Saúde.

Autorização — Muitas vezes o doente precisa de um *pistão* político para conseguir uma vaga, cada vez mais difícil, em razão da indicação precoce para o tratamento, que aumentou o número de pacientes. Como as clínicas têm cotas impostas pelas autoridades de Saúde, é preciso autorização especial no caso dos números serem ultrapassados. E quando o estado do doente agravava-se, são necessárias sessões extras, que também precisam de autorizações especiais.

Surge então um dos aspectos mais repugnantes desse *tratamento*. É comum os pacientes necessitem das sessões extras por serem tratados com filtros desgastados, que deveriam ser trocados, e que por isso reduzem a eficiência da máquina. E o pior é que essas sessões são autorizadas para serem feitas nos mesmos filtros condenados. Situações como essa fazem a máquina de hemodiálise lembrar um caixa registradora. E, por ironia, algumas delas, de fato, têm o formato parecido.